

# “O ‘pop art’ é coerente com nossos tempos”

Regressou a São Paulo, após três meses de viagem na Europa, a artista Maria Bonomi. Sua estada no Velho Continente foi motivada, de início, ao seu comparecimento á XXXII Bienal de Veneza, onde Maria, — como unica integrante da secção de gravura — junto com Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi, Franz Weissmann, Frans Krajeberg, Almir Mavignier, Abraham Palatnik e Glauco Rodrigues representou o Brasil naquela mostra mundial, que marcou também a inauguração do Pavilhão Brasileiro.

“Acredito que, para a arte brasileira, o fato mais importante foi exatamente a inauguração do Pavilhão — disse a artista, acrescentando: Esta foi a Bienal Heroica, na qual foi estabelecida a possibilidade dos artistas do Brasil se apresentarem em Veneza, onde se realiza uma das mais importantes exposições internacionais”.

Perguntada a respeito disse a artista que, se falhas houve, elas foram determinadas pela circunstancia de não termos um passado na mostra veneziana. De parte da secretaria da Fundação das Bienais de São Paulo existiu o maior interesse para divulgar e promover a nossa arte.

## KRAJBERG

Sobre o terceiro prêmio, conferido ao pintor Frans Krajeberg, disse Maria: “Ele poderia ter uma premiação maior. Mas, é preciso frisar bem, o Brasil não estava atrás de prêmios”.

A artista acredita que não procede a acusação que tem sido feita de Krajeberg não ser um pintor brasileiro: “E’ tão brasileiro, quanto outros brasileiros que moram em Paris. E’ errado medir a arte em termos da naturalidade ou não em nosso país. Krajeberg é brasileiro porque data de sua longa estada no Brasil a fase da libertação de sua pintura. E, na França, Krajeberg vem trabalhando numa orientação calcada sobre esta libertação, não sendo um imitador da Escola de Paris.

“Se, por um lado, acredito que só artistas residentes no Brasil deveriam participar das seleções brasileiras a mostras internacionais, faço-o porque o artista que vive no Brasil precisa ter uma oportunidade de expor no Exterior, oportunidade esta que aqueles brasileiros que vivem na Europa já tem. Esse critério não tem, pois, nada a ver com a estética”.

## RAUSCHENBERG

Sobre Rauschenberg, o pintor norte-americano grande premiado de Veneza, disse a artista “O prêmio dado muda a fisionomia da Bienal de Veneza. Tornou-se esta uma exposição internacional de lançamento da vanguarda, abandonando o critério anterior que era o da consagração do artista por uma obra já realizada.

“O ‘pop-art’ é uma das correntes contemporaneas mais válidas e coerentes com os nossos

tempos. Não se trata de uma consequência do tachismo. O próprio Rauschenberg considera-se “um jornalista”, e vê no “pop-art” um novo naturalismo, que reproduz a época em termos simples, com elementos de afirmação para as grandes massas.

Fala-se muito também, na Europa, no “hard-edge”, um novo movimento pictórico norte-americano, que poderia ser caracterizado como um concretismo-surrealista, constituído por pintura de angulação e mais pastosa.

Acredito realmente que o “pop-art” é uma das coisas de maior importância na atualidade, já que não é divorciado da realidade. Isso acaba com um neo-realismo incongruente, onde a polêmica é apenas mórbida e panfletária.

## ESTADOS UNIDOS

Maria Bonomi ressaltou a boa qualidade do pavilhão norte-americano, no qual, ao lado de Rauschenberg, se destacava também Jasper Johns. Considera também Warhal um importante integrante do movimento.

“Há bons e maus ‘pop-artistas’, assim como acontece com todas as tendências. Rauschenberg não é o charlatão que muita gente pensa que é. E’ professor universitário e tem um grande ‘métier’. Suas litografias demonstram uma excelente tecnica artesanal.

Acredito que aquilo que os norte-americanos demonstraram na Bienal de Veneza e o que vem fazendo uma jovem guarda inglesa e alemã poderia servir como uma lição para os artistas brasileiros. E com isto não digo que nós devamos imitar. Parece-me que o importante é entender a chave desses artistas e a sua atitude de ruptura, de crítica e de uma crueldade violenta nas constatações do mundo no qual vivemos”.

## REPRESENTAÇÕES

A artista ressaltou ainda outros aspectos da mostra veneziana: a escultura de Kemeny, vencedora de um primeiro premio e que considera muito boa; a pintura de Dubuffet, “um jovem pintor de 70 anos”.

Perguntada sobre a gravura, disse: “Considerarei os trabalhos europeus neste setor muito fracos, de um modo geral, já que são muito presos a uma tradição. Parece-me que o Brasil tem o que ensinar, no terreno da gravura, e um mercado em potencial, que poderia invadir como concorrente respeitável.

## CONVITE

De parte do Atelier de Gravura de Wolfsburg, Alemanha, Maria Bonomi recebeu o convite para ali trabalhar durante um ano (os dirigentes oferecem ensinamento e aprendizado, a troco de obras executadas pelos artistas durante a sua permanencia).

Perguntada sobre se acertara algumas exposições na Europa, disse a artista: entrei em contato com galerias de Berlim, de Kassel e de Paris. Recebi um convite da Bienal de Gravuras de Lubiana, na Iugoslavia, onde terei sala especial.

Em Kassel assisti á mostra internacional “Documenta”, com uma grande apresentação de Tapiès e no qual Vedova expunha a sua experiencia “plurimi” (pintura espacial).

## PARIS

Durante sua permanencia em Paris, a artista entrou em contato com artistas brasileiros ali residentes.

— Deve-se a eles a posição que o Brasil ocupa artisticamente na Europa, hoje em dia. Um Pisa, um Krajeberg, um Sergio Camargo, um Rossini Peres, uma Ana Letycia têm feito muito pela divulgação de nossa arte já que vivem lá, não como seres exóticos, mas como artistas sérios, que trabalham e que se fazem conhecer pelo proprio esforço.

“Nosso cinema e nossas artes plasticas já saíram de sua fase folclórica. Como já aconteceu no caso da arquitetura, é possível a um artista brasileiro sair de seu país, estabelecer-se na Europa, e concorrer no campo dos europeus. Há um mercado para a nossa arte. Podemos exportar arte. Temos imaginação, liberdade e coragem.

Se a Europa continua na vanguarda, no movimento artistico, é mais pelas condições de dignidade que oferece ao artista. Seja ele quem for, bem ou mal sucedido, é tratado como um membro util da comunidade, e não como marginal esotérico”.